

Sistemas Agroalimentares Locais e Comercialização em Circuitos Curtos de Proximidade

Luis Tibério, Alberto Baptista e Artur Cristóvão

**Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro
Departamento de Economia Sociologia e Gestão
Centro de Estudos Transdisciplinares para o Desenvolvimento**

Sistemas Agroalimentares Locais (SAL): Um movimento em ascensão

Os Estados Unidos da América são, por excelência, o país da produção agrícola em grande escala, especializada, intensiva, dominada pelo complexo agroindustrial e a grande distribuição, e plenamente integrada no sistema alimentar global. A América é, também, o país da chamada *fast food*. Porém, neste país está em andamento um movimento que visa contrariar o poder do complexo agroindustrial e do sistema agroalimentar global. É um movimento fragmentado, desigual de espaço para espaço e no envolvimento de distintos grupos étnicos e sociais, que tende a juntar motivações e interesses diferenciados. Um dos seus *slogans* mais representativos é *Buy Fresh, Buy Local*, traduzindo o incentivo ao consumo de produtos locais e o apoio à reconstrução e sustentabilidade de sistemas alimentares locais (Cristóvão e Tibério, 2009). Este movimento vai contra o sistema organizado globalmente, em que os alimentos percorrem grandes distâncias, são controlados por gigantescas empresas transnacionais e estão *enbrulhados* em problemas sociais, ambientais e nutricionais. Para além de *local food* também se aspira a produzir *sustainable food*, a partir do modo de produção biológico e de outras formas naturais que excluam o uso de químicos. As questões energéticas estão também no centro do debate e deseja-se reduzir o número de quilómetros percorridos pelos alimentos (Cristóvão e Tibério, 2009). Os objetivos centrais desta *nova* abordagem são de acordo com Cristóvão e Tibério (2009): i) a dinamização do consumo de alimentos produzidos localmente; ii) o estabelecimento de ligações diretas entre produtores e consumidores; iii) a revitalização de estruturas de produção, transformação e distribuição; iv) a construção de redes de relações entre produtores e governos locais, empresários e outros líderes; e v) a promoção da economia local e do desenvolvimento rural. Este tipo de movimentos, nascidos no Japão e Estados Unidos a partir da segunda metade do século XX, visam reconstruir sistemas alimentares de proximidade, ligando produtores e consumidores e têm-se expandido por

várias zonas do globo, em particular no Sul da Europa, com especial relevo para França, Itália, Bélgica, Espanha e Portugal e América Latina (Brasil e Argentina).

Sistemas Agroalimentares Locais e Circuitos Curtos (Agro) Alimentares (CCA): Uma multiplicidade de conceitos

Do ponto de vista conceptual, o movimento focalizado na temática da aproximação entre produtores e consumidores e nos circuitos curtos de comercialização de produtos agroalimentares é desencadeado por um vasto conjunto de autores, culminando numa multiplicidade de conceitos. A este propósito, podem encontrar-se na literatura termos como *Foodshed* (Kloopenburg *et al.* 1996), remetendo para a unidade entre o local, as pessoas, a natureza e a sociedade e a *Civic Agriculture* (Lyson, 2000, 2004), entendida como o sistema de produção agrícola e alimentar enraizada num local, baseada em recursos locais, servindo mercados e consumidores locais e empenhada na justiça social, sustentabilidade ecológica e relações sociais de benefício mútuo (Cristóvão e Tibério, 2009). Por sua vez, Murdoch *et al.* (2000) falam em *cadeias alimentares alternativas* (alternative supply chains) e Muchnik desenvolveu o conceito de sistemas agroalimentares localizados - SIAL (localized agri-food system) (Baptista *et al.* 2013). Apesar da diversidade de conceitos, a noção mais abrangente que enquadra todo este o movimento em torno da aproximação produtor-consumidor é o conceito de *Sistema Alimentar Local* e definido por Feenstra (2002) como *um esforço colaborativo para construir economias alimentares autossustentadas e baseadas no local, em que a produção, transformação e distribuição e consumo são integrados de forma a melhorar a economia, o ambiente e a saúde social de um lugar específico* (Cristóvão e Tibério, 2009).

Estas abordagens e conceitos levantam questões complexas que importa operacionalizar. Por exemplo, como definir *local* e que mecanismos estabelecer para controlar a proveniência da oferta? Quais as limitações à oferta de produtos locais, nomeadamente em termos de expansão e dimensão das explorações agrícolas envolvidas e a capacidade de processamento e distribuição? Existe envolvimento suficiente dos consumidores para tornar os sistemas alimentares locais viáveis? Que barreiras físicas e legais à venda directa aos consumidores por parte dos produtores de produtos locais é necessário derrubar? Esta abordagem funciona em todos os tipos de comunidades? Ou as características socio-económicas das comunidades determinam o potencial para desenvolver um sistema alimentar local? (Cristóvão e Tibério, 2009). Na tentativa de sistematizar algumas destas ideias e estabelecer algum consenso em torno de uma linguagem comum, o Grupo de Trabalho (GEVPAL) criado no âmbito do Ministério da Agricultura, Mar, Ambiente e Ordenamento de Território (MAMAOT),

com o objectivo de elaborar a «Estratégia para a valorização da produção agrícola local» (Despacho n.º 4680/2012, de 3 de Abril, publicado no DR, n.º 67, 2ª Série), estabeleceu os seguintes conceitos (MAMAOT, 2013: 3):

- Sistema Alimentar Local (SAL): Um conjunto de atividades interligadas, em que a produção, a transformação, a distribuição e o consumo de produtos alimentares visam promover a utilização sustentável dos recursos ambientais, económicos, sociais e nutricionais de um território. Este é definido como uma comunidade de interesses localizados, reforçando as relações entre os respetivos agentes intervenientes;
- Circuito Curto Agroalimentar (CCA): Um modo de comercialização que se efetua ou por venda direta do produtor para o consumidor ou por venda indireta, com a condição de não haver mais de um intermediário. A ele se associa uma proximidade geográfica (concelho e concelhos limítrofes) e relacional entre produtores e consumidores.

Circuito Curto (Agro) Alimentar: diversidade de tipologias

Os «Farmers' Markets» ou mercados de venda directa e a designada «Community Supported Agriculture» (CSA), são as evidências mais relevantes deste movimento em torno dos sistemas alimentares localizados. Os CSA podem assumir diferentes modalidades e têm por base formas de ligação directa entre agricultores e consumidores que, além das preocupações com a proveniência e natureza dos alimentos, manifestam também um envolvimento comunitário e cívico em defesa da agricultura local, familiar e de pequena dimensão (Cristóvão e Tibério, 2009). Marsden et al (2000), Marsden (2004) e Renting et al (2003), fazem ainda referência a três tipos principais de cadeias ou circuitos curtos alimentares (Ferrari, 2011): cadeias *face to face*; cadeias de proximidade espacial; e cadeias espacialmente estendidas. As cadeias *face to face* aproximam-se do conceito vendas directas. A tipologia proximidade espacial refere-se a produtos associados a um território determinado, diferenciados pelo saber-fazer tradicional e modo de produção artesanal. As cadeias curtas espacialmente estendidas envolvem produtos agroalimentares alvo de sistemas de qualificação e certificação que lhe conferem características qualitativas particulares. Em cada um dos tipos referidos, os mecanismos e estruturas de ligação produtor-consumidor podem ser as mais diversificadas.

De uma forma simples, pode entender-se o circuito curto como «um modo de comercialização que se efetua ou por venda directa do produtor para o consumidor ou por venda indirecta, com

a condição de não haver mais de um intermediário, ao qual está associado uma proximidade geográfica e relacional entre produtores e consumidores (MAMAOT, 2013: 16). A venda directa pode efetuar-se na exploração, no domicílio do consumidor, em venda ambulante, em mercados, em feiras, no restaurante ou loja comercial do produtor, entre outras. A definição de venda directa remete para os seguintes aspectos distintivos (MAMAOT, 2013: 16):

- A origem local e identificada do produto;
- O produtor, para além da intervenção direta na produção, também interfere frequentemente na transformação e comercialização dos produtos;
- Os produtos transformados utilizam matérias-primas provenientes das explorações locais;
- O consumidor tem acesso a informação sobre a origem do produto, o seu modo de produção e as respetivas qualidades específicas;
- O fluxo de comunicação entre produtores e consumidores permite criar confiança mútua e diferenciar os produtos locais dos restantes.

Muitos autores apontam para os benefícios sociais, económicos e ambientais deste modo de comercialização de maior proximidade. As vantagens apontadas são várias: Reduzir as distâncias entre produtor e consumidor, melhorar a segurança alimentar e a qualidade dos produtos no consumidor, favorecer a adoção de práticas agrícolas mais respeitadoras do ambiente, fortalecer a economia local e reforçar o capital social são algumas das vantagens apontadas aos modos de comercialização de proximidade. Todavia, a implantação deste tipo sistemas locais reclama a existência de agricultores dinâmicos, criativos e competentes; uma boa comunicação entre todos os *stakeholders* do território; tempo para alcançar o sucesso, que permita a construção de relações de confiança com a comunidade, consumidores e outros atores; e relações democráticas e colaborativas, com liderança e um sentido forte de direção e estabilidade (Baptista *et al.*, 15).

O Quadro 1 sintetiza alguns tipos de CCA em Portugal e na Europa

Quadro 16 Circuitos Curtos Agroalimentares em Portugal e na Europa

DESIGNAÇÃO	ESTATUTO	BREVE DESCRIÇÃO
PROVE (Portugal)	Grupo informal de produtores e consumidores, criado a partir da iniciativa de uma ADL, Cooperativa ou outra instituição. Grupo autogerido pelos produtores.	Modelo inspirado nos AMAP*. Um núcleo de produtores abastece regularmente um conjunto de consumidores. Os núcleos PROVE estão dispersos pelo país, reúnem produtores e consumidores. A venda direta de cabazes de produtos, em local específico, foi a fórmula adotada.
COOPRaízes (Portugal)	Cooperativa de Produtores	Grupo de produtores organizados numa cooperativa para distribuir semanalmente cabazes a um conjunto regular de consumidores.
ReCíProCo	Organização Cooperativa	Visa estabelecer relações de cidadania entre produtores e consumidores. Integrar a agricultura nas estratégias de desenvolvimento local Valorizar a agricultura de proximidade. Criar parcerias entre produtores e consumidores.
Cabaz da Horta (Portugal)	Grupo informal de consumidores e produtores	Grupo que se autonomizou da cooperativa que o fundou. Consumidores voluntariam-se parcialmente no processo de distribuição.
ECOCONSUM (Espanha)	Associação coordenadora de cooperativas e associações de consumidores	Coordenadora Catalã de cerca de 20 organizações de consumidores de produtos biológicos. A Ecoconsum defende um consumo crítico de produtos biológicos locais, o envolvimento com os produtores e uma intervenção social e política. As associações, cooperativas ou grupos informais são autogeridos rotativamente pelos consumidores.
AMAP - Associations pour le maintien d'une agriculture paysanne (França)	Cada AMAP local é uma associação constituída por um ou mais produtores e um número variável de consumidores.	Cada AMAP integra uma rede regional e inter-regional de AMAP's A compra antecipada da produção a 6 e a 12 meses é características-chave deste modelo: planificação da produção, partilha de riscos e tarefas e parceria entre produtores e consumidores. A segurança para o agricultor favorece a tomada de decisões mais arriscadas, como a aposta em novas variedades ou a transição para a agricultura biológica. Cada AMAP tem um comité voluntário e rotativo de 5 elementos responsável pela gestão, comunicação e logística do núcleo.
Panier Hiroko (França)	Associação de produtores e consumidores.	Planificação partilhada da produção entre produtores e consumidores. Estes asseguram, de forma rotativa, duas a três vezes por ano, o transporte dos cabazes do produtor ao ponto de distribuição dos cabazes, a gestão das encomendas, a organização de encontros com os produtores e a promoção da Associação.
Val Bio Centre Les paniers du Val de Loire (França)	Associação.	A Val Bio Centre é uma associação que reúne cerca de vinte produtores, uma escola agrícola e hortas de inserção. Criou em 2004 a distribuição de hortofrutícolas em cabazes sob a designação Les Paniers du Val de Loire.
La Binée Paysanne (França)	Associação de produtores.	Os consumidores fazem as suas escolhas no site; os produtores reúnem-se e compõem os cabazes em função das encomendas. Não há qualquer compromisso.
GASAP ó Groupe d'Achat Solidaire de l'Agriculture Paysanne (Bélgica)	Grupo informal e autogerido de consumidores que celebram um contrato diretamente com o produtor.	Cada grupo GASAP faz parte da rede GASAP. Em cada grupo existe uma equipa de voluntários responsáveis pela comunicação, criação e ajuda a novos núcleos e ligação ao produtor. A produção é paga com um mês a um ano de antecedência, conforme as disponibilidades financeiras das famílias.
GAS Gruppi di acquisto solidale (Itália)	Grupo informal de consumidores e autogerido.	Cada GAS é autónomo mas pertence à rede de GAS nacional. Os consumidores escolhem os seus fornecedores segundo os princípios que cada grupo define. Cada ano tem lugar um encontro de núcleos GAS onde se trocam experiências, soluções e objetivos comuns são definidos. A dinamização de cada núcleo GAS é feita por voluntários.
Les Cueillettes de Landecy (Suíça)	Associação de produtores e consumidores.	Um agricultor estabelece um contrato anual de fornecimento de frutas e legumes. Os consumidores pagam antecipadamente um ano de produção e realizam as suas próprias colheitas de acordo com as instruções (variedades e quantidades) que o produtor semanalmente vai indicando na página web do projeto.
Les Jardins de Cocagne (Suíça)	Cooperativa.	Cada cooperante paga uma anuidade em função do seu rendimento e compromete-se ainda com quatro meios-dias de trabalho voluntário por ano. Aqueles que não cumprem com o trabalho voluntário pagam cerca de 40 ¤ por cada meio-dia não realizado.
CSA (Reino Unido)	Várias formas: desde o grupo informal e autogerido de produtores/consumidores até à constituição de empresas.	Grande variedade de grupos na organização, produção e voluntariado. Algumas comunidades optam pela aquisição ou arrendamento de terrenos empregando uma ou mais pessoas. Outros projetos perseguem finalidades mais assistencialistas. Pode passar apenas pelo arrendamento de parcelas de terra a cada consumidor, pela compra dos direitos de uma ou mais árvores ou a co-propriedade de cabras ou ovelhas, recebendo alguns queijos como contrapartida.

AMAP - Associations pour le maintien d'une agriculture paysanne.

Fonte: Adaptado de Baptista *et al.* (2013: 18).

Circuitos Curtos Agroalimentares: Que benefícios?

Os circuitos curtos agroalimentares proporcionam um novo paradigma para a produção, comercialização e consumo alimentar, valorizado através de um conjunto de benefícios de carácter social, cultural, económico, (MAMAOT, 2013):

Benefícios sociais, o permitirem reforçar a coesão em territórios onde os rendimentos baixos da atividade agrícola favorecem a emigração e proporcionarem aos consumidores produtos frescos e saudáveis, com rastreabilidade;

Benefícios culturais, ao possibilitarem diversificar a oferta e preservar sistemas tradicionais de produção vegetal e animal, promovendo a coesão das comunidades locais;

Benefícios económicos, ao proporcionarem valor acrescentado às produções locais e alargarem a gama dos produtos oferecidos e poderem reduzir as necessidades de capital a investir, pois tendem a ser menos intensivos na mecanização das operações culturais e na utilização de agroquímicos;

Benefícios ambientais, ao viabilizarem uma agricultura menos poluidora (sistemas de produção menos intensivos) e de conservação de recursos. As necessidades de acondicionamento, transporte e refrigeração tendem a ser mais reduzidas e, por conseguinte, a utilização de combustíveis fósseis e as emissões de gases com efeito de estufa tendem a diminuir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Baptista, A.; Cristóvão, A.; Costa, D.; Guimarães, H.; Rodrigo, I.; Tibério, L.; Pinto-Correia, T. (2013). *Recomendações de Medidas de Política de Apoio aos Circuitos Curtos Agro-Alimentares: período de programação 2014-2020 (Relatório Preliminar)*, ISA, UE, UTAD, Junho 2013.

Cristóvão, Artur. e Tibério, Luis. (2009). *“Comprar Fresco, Comprar Localö: Será que temos algo a aprender com a experiência americana? In Moreno, L., M. M. Sanchez e O. Simões (Coord.). Cultura, Inovação e Território, O Agroalimentar e o Rural, pp. 27-34. Lisboa: SPER.*

Ferrari, Dilvan (2011). *Cadeias Agro-alimentares Curtas: A Construção Social de Mercados de Qualidade pelos Agricultores Familiares em Santa Catarina. Tese de Doutoramento. Faculdade de Ciências Económicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre: Brasil*

MAMAOT, 2013. *“Estratégia para a Valorização da Produção Agrícola Localö. Relatório Final do Grupo de Trabalho GEVPAL. Ministério da Agricultura, Mar, Ambiente e Ordenamento do Território. Lisboa.*